

Épica II



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ESDRAS RODRIGUES SILVA – GUITA GRIN DEBERT

JOÃO LUIZ DE CARVALHO PINTO E SILVA – LUIZ CARLOS DIAS

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO LUIZ COLTRO ANTUNES – SEDI HIRANO

Coleção Bibliotheca Latina

Comissão Editorial

COORDENADORES

MATHEUS TREVIZAM E PAULO SÉRGIO DE VASCONCELLOS

ISABELLA TARDIN CARDOSO – LUIZ FRANCISCO DIAS

MARCOS MARTINHO DOS SANTOS – PEDRO PAULO ABREU FUNARI

Leni Ribeiro Leite

Épica II
Ovídio, Lucano e Estácio

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

L536e Leite, Leni Ribeiro.
Épica II: Ovídio, Lucano e Estácio / Leni Ribeiro Leite. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.
(Coleção Bibliotheca latina)

1. Ovídio. 2. Lucano, 39-65. 3. Estácio, P. Papínio. 4. Poesia épica clássica – Crítica e interpretação. 5. Poesia épica latina – Crítica e interpretação. I. Título.

ISBN 978-85-268-1352-6

CDD - 871

- 873

Copyright © by Leni Ribeiro Leite
Copyright © 2016 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Agradecimentos

A Paulo e Matheus, pelo convite para escrever o volume e pela confiança em mim depositada.

Aos alunos da pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo que, no primeiro semestre de 2015, assistiram ao meu curso sobre *Épica Pós-Virgiliana – Camilla, Fernanda, Kátia, Vanessa, Vera Márcia, Ulisses –*, “cobaias” deste texto.

Ao meu marido, Matt Farr, e à minha filha, Ariane, pela paciência em me ouvir falar do livro e em me ver trabalhar nele por tanto tempo.

Às minhas irmãs, Vani e Ceci, pelo companheirismo.

À minha mãe, por tudo, sempre.

Sumário

Apresentação.....	9
CAPÍTULO I — A poesia épica.....	13
I.1 <i>A divisão por gêneros na Antiguidade</i>	13
I.2 <i>Características da épica</i>	18
I.3 <i>Épica romana</i>	20
I.4 <i>Épica virgiliana e pós-virgiliana</i>	22
I.5 <i>Principais obras e autores pós-virgilianos</i>	23
CAPÍTULO II — A antiepopéia? <i>Metamorfoses</i> de Ovídio.....	31
II.1 <i>A obra</i>	32
II.2 <i>Ovídio e a épica tradicional</i>	38
II.3 <i>Ovídio e Virgílio</i>	41
II.4 <i>Ovídio e Augusto</i>	42
II.5 <i>Ovídio no século XXI</i>	44
CAPÍTULO III — A epopeia histórica: Lucano, <i>Farsália</i>	47
III.1 <i>A obra</i>	47
III.2 <i>Lucano e a épica histórica</i>	49
III.3 <i>O tema da Farsália</i>	51
III.4 <i>Literatura, história, ou ambos</i>	53

CAPÍTULO IV — A epopeia virgiliana e seus frutos: Estácio, <i>Tebaida</i> e <i>Aquileida</i>	61
IV.1 <i>A obra</i>	62
IV.2 <i>Estácio entre Virgílio e Lucano</i>	66
IV.3 <i>Temas da Tebaida</i>	68
IV.4 <i>Aquileida</i>	71
V — Conclusão.....	75
VI — Breve bibliografia comentada.....	79
VII — Pequena antologia.....	87
<i>Ovídio, Metamorfoses, I.1-75</i>	89
<i>Ovídio, Metamorfoses, I.89-112</i>	94
<i>Lucano, Farsália, III.399-449</i>	95
<i>Lucano, Farsália, IX.950-979</i>	99
<i>Estácio, Tebaida, I.46-87</i>	101
<i>Estácio, Aquileida, I.338-369</i>	103
VIII — Bibliografia geral.....	107

Apresentação

As obras de que aqui trataremos foram todas escritas durante o primeiro e o segundo séculos da Era Cristã – contam-se, portanto, cerca de dois mil anos entre o seu aparecimento e o nosso. Ainda que tanto tempo tenha já transcorrido, as palavras daqueles homens que viveram os primeiros anos do Império Romano continuam despertando interesse e atraindo olhos leitores, como demonstra de forma eloquente a sua própria permanência, através de muitos manuscritos e muitas mãos, passando em cadeia ininterrupta de textos até os dias atuais. Seja nas nuances ovidianas do texto shakespeariano, seja nas inúmeras releituras do mito de Jasão, seja nos filmes de temática clássica que lotam as salas de cinema no mundo todo, a literatura antiga ainda fala com o leitor atual, de forma muito próxima e muito urgente.

Esse reconhecimento é ainda mais significativo quando se cria a oportunidade, rara talvez no mundo contemporâneo, para o estabelecimento de um diálogo imediato com o texto antigo, como observamos largamente em nossa experiência na docência superior. Assim, a coleção *Bibliotheca Latina*, notável esforço conjunto da comunidade acadêmica dos Estudos Clássicos no Brasil, vem ocupar o papel importantíssimo de apresentar aos alunos universitários e ao público de forma mais am-

pla textos da Antiguidade Clássica que, mesmo quando disponíveis em língua portuguesa, estão, em sua maioria, fora do horizonte de leitura do público não especializado. Em outras palavras, vem propiciar o necessário diálogo entre o antigo e o contemporâneo e, assim esperamos, acender a fagulha do reconhecimento e da recriação que revitaliza o antigo e reabastece o contemporâneo.

O texto épico ocupou um lugar privilegiado nessa longa história de reconhecimentos; desde os primeiros tempos elevado à categoria de alta literatura, parte indispensável da cultura letrada desde as antigas Grécia e Roma, o épico é o literário por excelência. Atravessou o medievo e o Renascimento dialogando com as mais variadas formas artísticas, e ainda hoje, longe da obsolescência a que alguns o querem relegar, instiga e alimenta o fazer artístico da modernidade. As razões, há talvez muitas, mas apontaremos duas. Um poema épico é, em sua essência, uma boa história, contada de forma esteticamente agradável; uma boa história é aquela que fala com os corações e cérebros da audiência, usando como blocos de sua construção as mais humanas das experiências: a cobiça, a luta por poder, a raiva, as saudades, as paixões, a violência e a relação com o sobrenatural, para citar algumas. Por outro lado, a beleza estética, que tantos filósofos já tentaram definir, encanta e atrai os ouvintes. E, entre ouvidos, mente, coração e cérebro cativados, tem-se a receita do atemporal.

Mas o que é, exatamente, um poema épico? Tentaremos responder a essa pergunta de maneira sucinta no primeiro capítulo deste trabalho, remetendo o leitor também ao primeiro volume sobre épica desta *Bibliotheca Latina*. Da mesma forma, remeteremos o leitor àquele volume para um estudo da épica republicana, que culmina com o que é considerado o maior

poeta das letras latinas, Virgílio. Este volume ocupar-se-á, portanto, da chamada épica pós-*virgiliana*, em seus muitos desdobramentos. Ainda no primeiro capítulo, buscaremos definir essa épica pós-*virgiliana* em suas similaridades com a tradição que a precedeu, mas também apontando as profundas divergências entre as poéticas dos autores que ousaram escrever epopeia após o estabelecimento do modelo *virgiliano*, cada um trabalhando sob a vastíssima sombra do Mestre de formas variadas, como não poderia deixar de ocorrer.

Em função do próprio escopo introdutório da coleção em que esta obra se insere, foi-nos necessário escolher, dentre as várias obras épicas pós-*virgilianas*, apenas algumas poucas, sobre as quais nos deteremos com mais vagar. Optamos por selecionar obras que fossem representativas de desenvolvimentos diferentes entre si da matriz épica *virgiliana*, de forma a apresentar uma amostra do quadro múltiplo que exhibe a literatura latina do primeiro e do segundo séculos de nossa era. Assim, nos capítulos seguintes, concentraremos nossos olhares sobre as obras de Ovídio, Lucano e Estácio, buscando descortinar a forma como cada um desses escritores se aproveitou da matriz épica *virgiliana*, absorvendo-a, negando-a, retrabalhando-a em suas próprias epopeias. Esperamos que este breve cardápio aguce o apetite dos leitores para que busquem conhecer outras obras épicas do período e de períodos seguintes, mas que são igualmente dignas de interesse, como os *Cantos Argonáuticos*, de Valério Flaco, e as *Punica*, de Sílio Itálico, às quais só foi possível fazer neste volume algumas menções.

Ao fim, após uma breve conclusão, apresentaremos excertos selecionados e traduzidos das obras analisadas, dando prioridade aos trechos usados durante os capítulos anteriores, de forma a oferecer ao leitor algum contexto para a análise, mas tam-

bém proporcionando um primeiro contato com as obras em questão e, desejamos, despertando o interesse pela leitura da obra completa. Traduções das obras para línguas modernas, bem como outras obras de interesse para aqueles que desejem se aprofundar mais no conhecimento da épica pós-*virgiliana*, são indicadas, com breves apontamentos, na seção de bibliografia comentada, ao final deste volume.

Esperamos ter, ao fim do trabalho, documentado de maneira fidedigna, ainda que sintética, os desenvolvimentos da poesia épica no período imediatamente posterior ao surgimento do marco recriador que foi a *Eneida*, mas também esclarecido que não houve uma única épica latina, ou um único modelo ou matriz literária. Ainda que a figura máxima de Virgílio tenha sempre definido, de alguma forma, os caminhos da épica posterior, o caldeirão mimético, emulatório, criativo da literatura latina deu origem a um panorama muito mais amplo e diverso do que se pode à primeira vista crer para um gênero literário tão definido como a poesia épica.

Leni Ribeiro Leite

CAPÍTULO I
A poesia épica

I.1 A divisão por gêneros
na Antiguidade

Os gêneros literários são, de forma ampla, o resultado da divisão da literatura em subgrupos em determinada cultura, a partir de uma ou mais similaridades observadas pelos analistas, sejam eles parte da mesma cultura ou não. Uma vez que o significado de uma obra é social e historicamente determinado, não apenas pelas condições de produção da obra, mas pelo conhecimento prévio que o leitor traz, as divisões genéricas são passíveis de modificações constantes, pois dependem das características percebidas pela audiência como semelhantes ou dessemelhantes. Logo, categorias genéricas que podem parecer claras e lógicas para os pesquisadores modernos não necessariamente o eram para os receptores da Antiguidade – e vice-versa.

Ao tratar da Antiguidade Clássica, à parte as divisões da poesia antiga que se estabelecem modernamente, buscam-se indícios e evidências dos gêneros literários que os próprios escritores antigos teriam usado através das passagens metapoéticas das obras em si. Muitas vezes, ao nomearem ou qualificarem seus próprios escritos ou ao fazerem ligações intertextuais com outras obras, os autores nos autorizam a encontrar semelhan-

ças genéricas. Por outro lado, há também os trabalhos de comentadores que na própria Antiguidade fizeram reflexões genéricas, tais como a *Chrestomathía* de Proclo (preservada por meio de Fócio) ou a *Institutio Oratoria*, de Quintiliano, que nos auxiliam no trabalho de tentar compreender as divisões genéricas como as audiências as teriam visto na Antiguidade.

Um dos primeiros critérios usados na divisão da poesia grega – e que persiste por toda a Antiguidade – é o do metro, ou seja, do tipo de verso utilizado. Assim, em um primeiro momento, parece que toda poesia escrita em hexâmetros datílicos¹ era considerada épica; da mesma forma, a elegia, a poesia iâmbica e outras eram divididas em função do metro usado. É importante observar, porém, que, naquele momento ao menos, essa divisão não era apenas uma questão formal, uma vez que os diferentes metros estavam ligados a temas que lhes eram apropriados, bem como a situações sociais específicas, de modo que a escolha por um metro era também automaticamente uma filiação temática, social e situacional.

A poesia latina, ao menos a partir do século II a.C., apresenta-se dividida em gêneros determinados pelos modelos gregos, uma vez que, quando esses modelos chegaram a Roma, as discussões dos escoliastas do período helenístico foram importadas junto com eles, legando aos romanos um sistema já estabelecido de classificação da literatura grega em gêneros. Ácio (c. 170 a.C.) já expressava interesse em, ou ao menos conhecimento de, um sistema de gêneros poéticos: no fragmento 8 (Funaioli), ele fala em “quão vários sejam os gêneros dos poemas” (*quam uaria sint genera poematorum*).

Paralelo ao sistema de gêneros poéticos, que em geral se baseia, ao menos parcialmente, no metro utilizado, desenvolveu-se durante a Antiguidade um sistema de gêneros retóricos, re-

produzido em manuais gregos e romanos, que determinava o decoro no falar para cada situação da vida pública ou privada de um cidadão. Francis Cairns, em estudo de 1972, procurou demonstrar como esse sistema de gêneros retóricos ensinado nas escolas gregas e romanas infiltrou-se no fazer literário, de modo que a obra literária integra um sistema genérico poético e um sistema genérico retórico simultaneamente, em um jogo complexo de modelos e fronteiras a serem seguidos ou quebrados. O resultado disso, que se observa com maior clareza da poesia helenística em diante, é, por um lado, um alto grau de consistência nas características genéricas; de outro, um interesse crescente em experimentações intragenéricas e extragenéricas. Isso significa que a questão de pertencimento genérico é sempre uma pergunta importante a fazer ao lidar com qualquer texto da tradição clássica.

Os poetas latinos em geral assinalam sua escolha genérica ao se referirem ou ao poeta grego que teria inaugurado o gênero ou ao poeta romano que teria trazido para o latim aquele gênero: Ênio se declara uma reencarnação de Homero; Virgílio diz que suas *Bucólicas* são siracusanas (como Teócrito); Horácio, nos *Epodos*, se declara sucessor de Arquíloco; Estácio admite que sua *Tebaida* anda à sombra da *Eneida*. Segue-se que, ao apontar um predecessor e fazer uma escolha genérica – seja de forma assertiva, seja de forma enviesada, através de uma *recusatio*, por exemplo –, o poeta está também muitas vezes declarando uma filiação a um suposto modo de vida próprio dos que cultivam aquele gênero, a uma estrutura social construída no texto, a uma preferência política ou ideológica, pois que a escolha do gênero literário é também uma escolha de um *campo literário*,² de um lugar de agente dentro desse campo, com certo poder e certas limitações.

Em consequência de uma sensibilidade aguçada para as questões genéricas, a poesia latina é também espaço de experimentação genérica bastante radical. Produzem-se assim novos gêneros, tais como a sátira, ou ao menos obras que tentam quebrar com algumas fronteiras genéricas, ou gerar dúvidas na recepção quanto ao seu pertencimento genérico – talvez as obras mais famosas em tal situação sejam as de Ovídio, em especial as *Metamorfoses*, de que falaremos mais adiante, e os *Fastos*.

Portanto, mesmo a poesia épica, gênero fundador da narrativa ocidental, não está livre de dúvidas quanto ao seu estabelecimento genérico: a definição de suas fronteiras é palco de controvérsias verdadeiramente milenares. Uma das primeiras delimitações está em Aristóteles (*Poética*, 1447a). Para esse filósofo, epopeias são imitação narrativa, em metro único, de homens virtuosos. Observe-se que o critério de Aristóteles não é o da métrica, mas tão exclusivamente o do conteúdo: da virtude e do vício. Ele admite que há ainda outras formas que também imitam os mesmos caracteres que a épica, mas não indica quais daqueles caracteres superiores ou virtuosos são próprios ou dignos da épica. Para ele, textos como *Os trabalhos e os dias*, ou *Fenômenos* não seriam épica, porque nem mesmo seriam poesia, já que não são imitação de homens – não são *res gestae*, ações levadas a cabo por homens. Mais tarde, Horácio, na *Arte poética*, parece seguir, de alguma forma, o critério aristotélico, ao estabelecer como epopeia apenas o que trata de arte bélica (A.P. 72-3).

No entanto, em contraste com essas definições, bastante canônicas, há outras que abraçam, sob a denominação de *epos*, uma série de obras em versos hexamétricos para os quais aparentemente a Antiguidade não nos legou qualquer outra categoria: *Os trabalhos e os dias*; a *Teogonia*; as *Astronômicas*; as

Geórgicas, entre tantas outras. Vários são os testemunhos antigos que arrolam essas e outras obras entre os épicos (tais como Fócio, *Bibliotheca*, 319a, 8-21; Quintiliano, *Inst. Or.*, X.1-51-57, entre outros).

Com base nesses outros testemunhos, são considerados épicos não só Hesíodo como Arato, Teócrito, Lucrécio, Virgílio das *Geórgicas* e das *Bucólicas*, Ovídio das *Metamorfoses*, ao menos. Ou seja, já na Antiguidade havia visões diferentes sobre o que era épico. As tentativas modernas de resolver a questão vão em geral na direção que tomou West, ao chamar os textos hesiódicos de literatura sapiencial (*wisdom literature*) – que, se tem a vantagem de aproximar a Grécia do Oriente, por outro lado também excluiria uma série de outras obras menos sapienciais – ou usam a já tradicional denominação *poesia didática*,³ que englobaria também, por exemplo, Manílio, Lucrécio e Virgílio das *Geórgicas*. No entanto, é importante ter em mente que, ao separar os textos de Hesíodo dos de Homero, por exemplo, corre-se o risco de ignorar as suas similaridades, que são muitas, não só quanto às circunstâncias de composição, mas também quanto aos demais protocolos, o que levou à recepção conjunta que deles fizeram os próprios antigos.

Neste volume, comentaremos, na sua maior parte, textos que se conformam à teoria de que epopeia é narração de gesta bélica, mas veremos que essas fronteiras ocorrem na negociação com a tradição e no esforço de superação do modelo, ambas características marcantes da literatura antiga. Por isso deve-se sempre manter, se não diante dos olhos, ao menos como pano de fundo, os diálogos com outros textos da tradição épica em seu conceito alargado, mesmo porque estavam todos os tipos de *epos* constantemente sob os olhos dos antigos que escreviam e liam poesia épica. Assim, a recepção antiga já agrupava He-

síodo e Homero; já observava que, se Jasão pode ser questionado no papel de herói, a *Farsália* carece totalmente dessa figura; que Ovídio renegociou a que se presta a própria epopeia, jogando justamente com essa definição mais amplificada de épica. Logo, também nós devemos trilhar esse caminho e compreender que, se há uma definição bastante estreita de épica, há uma outra, mais lata, em que as obras são *epos*, mas aproximam-se e afastam-se de acordo com os olhos que a observam.

I.2 Características da épica

A característica principal da poesia épica – ainda que não lhe seja exclusiva – é o metro dito épico ou heroico, ou seja, o hexâmetro datílico. Sendo a língua latina de tipo quantitativo, a marcação dos versos não é acentual, como em português – uma sucessão de sílabas átonas e tônicas –, mas melódica, em que uma sucessão específica de sílabas longas e breves compõe o verso. Houve quem tentasse criar versos hexâmetros em português, e muitas foram as tentativas e os debates acerca da possibilidade de adaptação ou aclimação do hexâmetro datílico às línguas modernas, em geral, e ao português, em particular. O esforço que parece ter sido mais bem-sucedido até hoje não é um poema original, mas a obra tradutória de Carlos Alberto Nunes, que, ao verter para o português obras originalmente escritas em hexâmetros datílicos, criou um verso já recentemente chamado “núnico”, em que, equivalendo as sílabas longas às tônicas e as breves às átonas, ouve-se, em língua acentual, um espectro do ritmo melódico do hexâmetro latino. Observem-se, a propósito, os sete primeiros versos da *Eneida* na tradução de Nunes:

As armas canto e o varão que, fugindo das plagas de Troia por injunções do Destino, instalou-se na Itália primeiro e de Lavínio nas praias. A impulso dos deuses por muito tempo nos mares e em terras vagou sob as iras de Juno, guerras sem fim sustentou para as bases lançar da Cidade e ao Lácio os deuses trazer – o começo da gente latina, dos pais albanos primevos e os muros de Roma altanados.

Além do metro, porém, há algumas outras características consideradas próprias do gênero épico:

- a) quanto à estrutura, tem-se a abertura do poema em forma de proposição, em que se descreve em poucos versos o tema que será tratado no poema, seguida de invocação, em que se pede o auxílio a uma ou mais divindades para a realização da empreitada;
- b) a ação se inicia *in medias res*, isto é, a narrativa não parte do que seria considerado o início da história; o leitor encontra as personagens já lidando com a intriga, parte da qual o leitor só conhecerá por meio de narrações das próprias personagens ou em *flashbacks*;
- c) o uso de repetições estruturais é bastante acentuado, em especial nos poemas mais antigos, em que esta característica aponta para a origem oral da epopeia; nos poemas de que trataremos neste volume, já bastante afastados da oralidade primeira, as repetições são de fato marcas próprias do gênero épico, mantidas por adequação ao gênero, e bem menos acentuadas;
- d) o símile – comparação explícita entre dois elementos – é a figura de linguagem épica por excelência, desde os poemas homéricos, fundadores do gênero;

- e) a écfrase – descrição vívida de objeto ou ação – era também característica da épica antiga, ainda que não exclusividade sua; a acepção moderna, descrição de obra de arte, nasce do uso épico tradicional, em que as descrições de escudos, pinturas e outras obras artísticas eram o motivo principal, mas não único;
- f) o catálogo é outro tema tradicional da épica bélica, sendo o momento na narrativa em que se apresentam os participantes do conflito, não só citando-os mas descrevendo-os ou referenciando alguma característica marcante;
- g) da mesma forma, o *concilium deorum* é sempre esperado na épica bélica tradicional – os deuses se reúnem em concílio para discutir e decidir os destinos das demais personagens; os deuses como personagens que têm ampla influência na narrativa são, em si, uma característica fundamental da épica bélica, mas que, como veremos, torna-se das mais controversas no período que estudaremos.

No entanto, tal lista de características do gênero pode fazer crer que a epopeia é um tipo de poesia rígido, engessado, obsoleto. Pelo contrário, como diz Albrecht,⁴ a epopeia em Roma, em toda a sua história, evidenciou uma constante busca por sua própria identidade e uma constante descoberta de novas identidades, que ora geraram frutos, ora se esvaziaram em pouco tempo.

I.3 Épica romana

Diferentemente da épica grega, eminentemente heroica e mitológica, em que a família, a comunidade e os deuses são o foco, a epopeia romana é, desde seu início, intrincadamente mesclada